



## **A cor do som: processos de reconhecimento da imagem do som por meio da semiótica nas relações entre deficientes visuais e a música**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MÚSICA E INTERFACES

*Renato Brandão*

*Universidade Federal do Amazonas – rebanobrandao76@hotmail.com*

*Rosemara Staub de Barros*

*Universidade Federal do Amazonas – rosemarastaub@hotmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma abordagem teórica sobre considerações interpretativas do som por pessoas com deficiência visual mediada pelo prisma dos conceitos da semiótica. Busca ilustrar como os sentidos operam no processo de ensino musical para benefício de uma nova mentalidade das propostas pedagógicas aplicadas a inclusão pela diversidade. É parte da pesquisa de doutoramento que revela verdades e mitos da música e a deficiência visual quando associadas.

**Palavras-chave:** Processos socioculturais. Baixa visão. Semiótica. Pedagogia musical.

**The Sound Color: Recognition Processes Sound Image through Semiotics in Relations between Visually Impaired and Music**

**Abstract:** This paper presents a theoretical approach to interpretive considerations of sound for the visually impaired mediated through the prism of the semiotic concepts . Search illustrate how the senses operate in the music teaching process for the benefit of a new mentality of pedagogical proposals applied the inclusion of diversity. It is part of the doctoral research that reveals truths and myths of music and visual impairment when associated .

**Keywords:** Sociocultural Processes. Low Vision. Semiotics. Musical Pedagogy.

### **1. Por uma nova necessidade de dar cor ao som**

Mesmo que as dimensões físicas da deficiência visual, cegos ou pessoas com baixa visão, já tenham se propagado no contexto da atividade pedagógica, fica cada vez mais comum o entendimento do que se trata cada situação, ou seja, profissionais da educação aumentam a cada passo suas condições de aplicação de recursos para cada dimensão aqui discutida. É parte de um estudo maior que pertence a um programa de doutoramento em Sociedade e Cultura na Amazônia que versa sobre verdades e mitos da música e a deficiência visual.

Tal trabalho objetiva refletir sobre novos caminhos de interpretação da música por pessoas com baixa visão, com base nos apontamentos científicos da semiótica e dar sentido a possibilidades de reações emocionais e sensoriais diferentes das mais óbvias, ou seja, além de se ouvir o som, também se toca, vê, degusta e olfativa.

Para esse estudo, teremos como foco prioritário a condição de baixa visão, suas percepções e representações ilustradas para que possamos destinar com mais exatidão os recursos específicos que hoje melhoram o aprendizado e devolvem ao deficiente a possibilidade de colaborar para o mundo que pertence. Além das leituras, temos as experiências aplicadas na pesquisa de doutorado que envolve a deficiência visual e arte musical, como aporte teórico para o que se segue escrito neste artigo.

Com base nas leituras de Sanders Peirce (1839-1914), verifica-se um encorajamento para uma nova construção a partir dos fenômenos da interpretação dos sinais de uma rotina de vida por meio da deficiência visual. Neste sentido, pode-se dizer que é possível se estabelecer a qualquer tipo de comunicação um efeito de análise científica. Além do mais, em qualquer universo, biológico ou eletromecânico das máquinas inclusive (LARUCCIA, 2013).

A redação deste estudo tem como fundamentação observações direta com alunos com baixa visão praticantes de música. São destacados aqui parte de seu comportamento em relação à aquisição dos conteúdos propostos em classes, sua relação interpessoal com o professor e sua noção do espaço e tempo para o aprendizado musical. Sendo assim, tais conceitos sobre as equivalências do uso dos sentidos, puderam ser construídos a partir de uma reflexão mediada pela orientação teórica dos princípios da semiótica.

Para a construção de sua Lógica ou Semiótica, Peirce parte da Fenomenologia até chegar à classificação dos signos. Esses estudos começam por volta de 1867, quando escreveu *On a New List of Categories*, nova em relação às de Aristóteles, Kant e Hegel, com o propósito de obter categorias mais universais e gerais dos fenômenos (LARUCCIA, 2013: 3).

Entende-se que a apropriação de uma ciência como a Semiótica, não somente neste caso, cujo princípio defende como cada indivíduo dá significado a tudo o que “vê”, se aproxima do interesse discutido neste estudo em dar vez a uma melhor compreensão sobre o visível mesmo na deficiência visual. Semiótica provém do grego, “*semeion*”, estuda os signos, a linguagem e todos os acontecimentos culturais que por ventura promovam um significado social (SANTANA, 2006).

[...]lida com os conceitos, as idéias, estuda como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente. Ao contrário da linguística, a semiótica não reduz suas pesquisas ao campo verbal, expandindo-o para qualquer sistema de signos – Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião, entre outros (SANTANA, 2006:1).

O conceito de imagem, dependendo de sua origem ou saber, deriva de uma condição perceptiva do mundo. Na educação especial aplicada ao ensino da música, a imagem provém do modo como alunos e professores percebem o universo que os rodeia. Dessa feita,

professores passam a seus alunos a própria leitura de mundo, criam “imagens” sonoras, olfativas, táteis, visuais e auditivas, na tentativa de organizar o aprendizado em classe (BRITO, 2007).

Para a Semiótica, o significante é fundamento na observação do objeto, ou seja, cada coisa dentro de seu universo promove reações muito distintas em cada pessoa. Dentro de uma visão epistemológica, temos a necessidade de dar sentido aos objetos, enquadrá-los e determinarmos onde estão no caminho que percorremos até o aprendizado. Por outro lado, a Semiótica, encarregada da análise do processo, prevê possibilidades interpretativas mais amplas, atributos que ultrapassam as barreiras do confinamento de um único ou rígido significado de cada objeto observado (LARUCCIA, 2013).

Nesse sentido, o visível da deficiência visual que aqui determinamos como a cor do som, é praticamente um sobrevoo sobre as particularidades de cada deficiente em ver suas “imagens” do mundo que vive. Compreender com profundidade como é percebido cada conteúdo por um deficiente visual é a chave para a melhoria das condições comunicativas entre professores, alunos e familiares, dentro e fora da escola. Passemos então a dar outro significante à palavra imagem: esta pesquisa reproduz as relações entre, por exemplo, o signo de uma nota longa sendo percebida como o aroma de uma flor, acordes consonantes sendo percebidos como tecidos aveludados, entre outros.

## **2. O som por todos os sentidos**

Na qualidade humana, cada pessoa dedica o valor necessário a seus interesses. Podemos saber o valor monetário de tudo no mundo, no entanto, o valor da leitura de um simples panfleto ou partitura para uma pessoa com baixa visão ultrapassa os centavos gastos para a impressão e corte dos mesmos. Em outras palavras, quando há interesse e necessidade aliados, deficientes visuais criam o seu “visível”, formatam mecanismos de busca alternativa para também desfrutarem das informações do mundo dando cor aos sons.

Quando Peirce fala de psique, ele remete à palavra grega *psyche* que é um termo que representa o princípio da vida nos seres viventes. A psíquica, portanto, seria a ciência preocupada com os fenômenos mentais, ou com as leis, manifestações e produtos da mente. Mente, por sua vez, nada mais é do que a semiose, ou processo de formação de significações (SAMPAIO, 2012: 1).

Dentro destes princípios, a busca por uma verdade no processo da aprendizagem musical, para Peirce, é pura semiose. Contudo, a teoria dos sentidos defendida a partir dos fenômenos humanos da interpretação, no caso do que se vem abordando aqui, permite afirmar que as vias sensoriais estão em plena conduta educativa durante toda a vida. Pessoas com deficiência visual tratam seus signos como imagens necessárias para a leitura apurada do mundo (SAMPAIO, 2012. BRITO, 2007).

Diante das três dimensões mais comuns da percepção visual da pessoa com baixa visão, visão periférica, tubular e turva (Figura 01), professores e alunos, após o esgotamento das dúvidas entre si quanto o que pensa o professor sobre as reais condições residuais de visão do aluno, e a condição verdadeira que o próprio aluno revela ter, ambos iniciam a preparação dos métodos de acesso à informação dos conteúdos escolares.

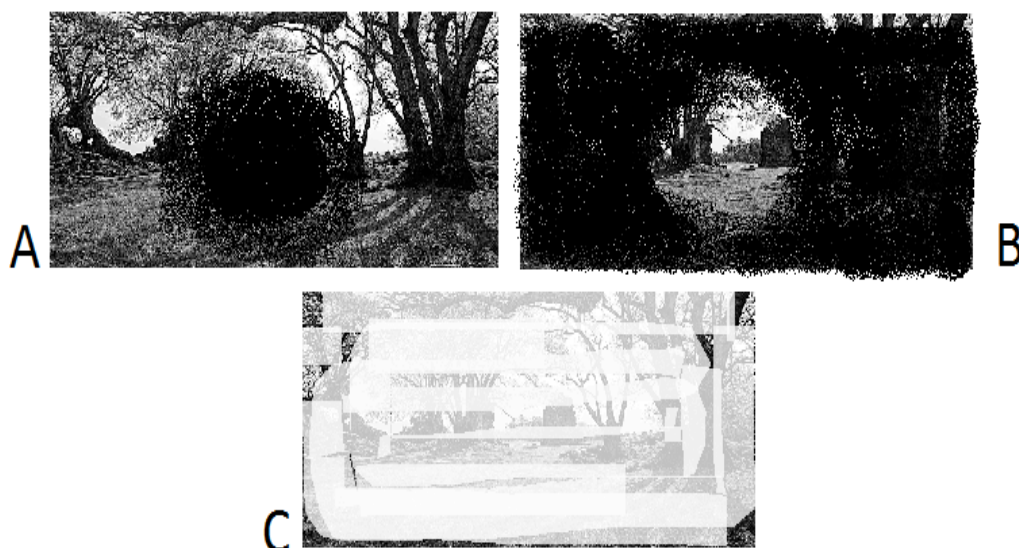


Figura 01: Percepção visual. A- Visão Periférica, B- Visão Tubular e C- Visão Turva. (Imagem criada pelo autor)

De acordo com o demonstrativo acima das percepções visuais, pode-se avançar no sentido de uma melhor significação da imagem do mundo para casos específicos de baixa visão. Peirce considera qualquer tipo de comunicação é passiva de uma análise interpretativa. Alunos relatam que mesmo com a falta da totalidade da acuidade visual, os sentidos derivam formas e sensações que situam o indivíduo temporal e espacialmente em relação à música. A Semiótica promove um discurso direto sobre a relatividade do tempo no contexto interpretativo, isso se aplica no que se vê nesse estudo, o espaço e o tempo por algumas vezes é distinto quando somos privados de uma via sensorial (SAMPAIO, 2012. LARUCCIA, 2013).

Devemos levar em consideração um aspecto, as “imagens” dos conteúdos musicais antes do tratamento mediado por recursos adaptativos para cada tipo de resíduo visual, são previamente e independentemente criadas na cabeça do aluno com baixa visão. Em outras palavras, uma escala diatônica comentada em classe, possui na cabeça do aluno com deficiência visual, formas e texturas livres até o momento que uma foto ampliada é apresentada a ele. Isso de certa forma, não compromete o seu aprendizado. O aluno quando

acostumado à rotina escolar e confiante em seu professor sabe que existirá um momento próximo, que a “imagem” verdadeira aparecerá durante o percurso.

Dessa forma, é útil dizer que a quantidade e qualidade de recursos adaptados não é a garantia de sucesso educacional com alunos incluídos, o que vale nesse sentido, é a valorização do companheirismo e autoridade da figura do professor de música com o seu aluno. O professor que alcança essa condição positiva de confiança é capaz de maneira mais rápida e eficaz, criar as “imagens” do que deseja ensinar ao seu aluno (IAZZETA, 1996).

### **3. Para concluir: dos conteúdos às imagens do som por uma nova pedagogia**

Para Sampaio (2012), “A formação de conceito na teoria do sentido Peirciano é indissociável da ideia de signo”, conforme a verificação para este estudo, há pouco interesse na aquisição de novas fontes científicas no que se refere a relação interativa entre todos os sentidos do mesmo organismo. Falando de outro modo, muito se dirige a análise da perda do sentido, ou mesmo de uma suposta superposição dos demais sentidos remanescentes. Na verdade, os sentidos caminham juntos e são dentro de seu conjunto, um só quando temos as imagens criadas na mente.

Pensar os sentidos individualmente serve de modo esclarecedor ou didático, para um universo mais clínico, pois nas relações pessoais, não nos comunicamos dividindo sistematicamente nossas vias de acesso aos sinais do mundo quando conversamos com alguém ou provamos um prato de comida. Ainda assim, a escola nos prepara para que pensemos nas categorias sensoriais em lâminas de análise, isso é digno, porém a mesma escola não nos devolve aos termos do conjunto sensorial a qual somos remetidos quando ouvimos ou tocamos uma música e esta nos dispara sensações de olfato, paladar e lembranças de um tempo passado.

Quem nunca viajou no tempo ao ouvir uma música de tempos passados? Ou mesmo, sentiu novamente na pele a presença de alguém ao sentir seu perfume perdido no ar da rua? O encontro com tais respostas nos facilita a reconhecer o conceito de imagens por vias sensoriais que não seja a visual. Na hierarquia dos sentidos a visão reina soberana (SÁ, 2008) mais de 80% do que “lemos” no mundo é visual. Com base nisso, a educação musical em alguns casos desmerece o potencial de aprendizado de seus alunos por outros caminhos que não sejam o visual.

Curiosamente é mais fácil aprender a contar quando se cantam os números. Dessa forma, a cristalização dos modelos tradicionais de ensino não favorece uma leitura diversificada do mundo, não abrem portas para a inclusão e classificam potenciais como impedimentos. A musicalização que queremos está mais próxima do que imaginamos, ela é



mais que um prédio e suas paredes, na verdade, derrubar suas paredes é o primeiro passo para o mundo estar nela, e ela no mundo.

### Referências:

- BRITO, Maria Teresa Alencar de. *Por uma educação musical do pensamento. Novas estratégias de comunicação*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.
- IAZZETTA, Fernando. *Sons de Silício: Corpos e Máquinas Fazendo Música*. 1996. 228 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996. Disponível em: < <http://www.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/tese.htm>>. Acesso em 22 dez. 2011.
- LARUCCIA, Mauro Maia. *Semiótica: objeto, signo e interpretante*. Augusto Guzzo Ver. FICS. 2013. Disponível em: [http://www.fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo](http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo)
- PEIRCE, Charles. *Semiótica. Perspectiva*. 3ª ed. Rio de Janeiro.
- SÁ, Elizabeth Dias de. *AEE Deficiência Visual*. SEESP/MEC. Brasília/DF. 2008
- SAMPAIO, Pedro. *A Semiótica de Peirce. A vida, o Universo e tudo mais*. Rio de Janeiro. 2012 Disponível em: <http://pedro-sampaio.blogspot.com.br/2012/08/a-semiotica-de-peirce.html>
- SANTANA, Ana Lúcia. *Semiótica*. IG Educação – InfoEscola. São Paulo/SP. 2006. Disponível em < <http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica/>>